



NEVES, Ana Caroline Barreto. “Escrever é uma indagação: Clarice Lispector e suas reflexões sobre a escrita”. *Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume 9, Julho 2011. [<http://www.revistadiadorim.lettras.ufrj.br>]

## **ESCREVER É UMA INDAGAÇÃO: CLARICE LISPECTOR E SUAS REFLEXÕES SOBRE A ESCRITA**

Ana Caroline Barreto\*

### **RESUMO**

A obra ficcional clariciana é uma das mais importantes e estudadas da literatura nacional. Frutos da curiosidade do público e interesse da crítica, as publicações *Correspondências* (2002) e *Cartas perto do coração* (2003) trouxeram a público as correspondências da autora, divulgadas até então de forma esparsa. Este trabalho propõe uma leitura dessas cartas e também das crônicas publicadas no *Jornal do Brasil* entre 1967 e 1973, buscando averiguar se é possível vislumbrar aspectos sobre literatura e sobre a prática de escrita através das considerações da própria autora em seus escritos não-ficcionais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Clarice Lispector, correspondências, literatura, escrita

### **ABSTRACT**

Clarice Lispector's fictional work is one of the most important and studied in Brazilian literature. Due to the reader's curiosity and the critical interest, the publications *Correspondências* (2002) and *Cartas perto do coração* (2003) showed publicly the writer's correspondences, which, by that time, were released sparsely. In the present work, we intend to read these letters, as well as Clarice's articles weekly published by *Jornal do Brasil* between 1967 and 1973, seeking to investigate aspects of literature and the practice of writing through the author's own considerations in her non-fiction writing.

**KEYWORDS:** Clarice Lispector, correspondence, literature, writing

---

\* [anacarolinebarreto@yahoo.com](mailto:anacarolinebarreto@yahoo.com)

Mestranda em Estudos Literários – Literatura Brasileira (UFMG). Professora do Centro de Atualização em Direito (CAD) e colaboradora na produção de materiais didáticos para cursos a distância da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES) e Universidade Aberta do Brasil (UAB).

A obra clariciana é uma das mais importantes e estudadas da literatura nacional. Desde o primeiro romance, *Perto do coração selvagem*, de 1943, a escrita de Clarice Lispector estabeleceu uma ruptura com os paradigmas narrativos vigentes, transgredindo convenções linguísticas e literárias.

Mesmo que seu prestígio tenha sido sempre maior nos meios intelectuais e acadêmicos, as crônicas que escreveu durante seis anos para o *Jornal do Brasil*, entre agosto de 1967 e dezembro de 1973, permitiram que Clarice se tornasse uma voz familiar para leitores de meios diversos. Entretanto, ainda que familiar, Clarice não deixou de ser enigma: ao mesmo tempo em que crescia sua fama como escritora, envolveram-na em uma aura de mistério, quase mito, em parte devido à própria personalidade e ao gosto pela privacidade da autora. Nádya Batella Gotlib diz que “ao isolar-se voluntariamente, [Clarice] cercava-se de uma aura de mistério, permanecendo intocável e favorecendo, quem sabe, certas mitificações: belíssima, sobretudo na mocidade; sedutoramente atraente; antissocial, esquisita, complicada, difícil, mística, bruxa” (1995, p. 52). Clarice-pessoa despertou a curiosidade do público e o interesse da crítica, o que resultou, anos depois de sua morte, em estudos de caráter biográfico, como *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*, de Olga Borelli (1985), o importante livro de Gotlib, *Clarice: uma vida que se conta* (1995), e o recente trabalho de Benjamin Moser: *Clarice*, (2010), intercalados por tantos outros.

Frutos também da curiosidade do público e interesse da crítica foram as publicações, na última década, de suas correspondências, divulgadas até então de forma esparsa. Clarice Lispector enviou cartas ao longo de toda sua vida. Essa escrita, além de trivial nas décadas de 40, 50 e 60, era uma das únicas formas de lutar contra o isolamento imposto pelas viagens com o marido diplomata. Em 2001, chegou às livrarias o livro *Cartas perto do coração*, tornando público o conteúdo das cartas trocadas com Fernando Sabino, seu maior interlocutor. Em 2002, Teresa Monteiro selecionou e publicou a conversa epistolar mantida entre Clarice e diversos contatos no livro *Correspondências* e, em 2007, organizou *Minhas queridas*, tornando públicas 120 cartas inéditas escritas por Clarice Lispector para as irmãs, Tania Kaufmann e Elisa Lispector, entre 1940 e 1957.

Diante de tais textos, abre-se um novo caminho para a leitura crítica da obra ficcional de Clarice Lispector: através de seu próprio posicionamento crítico. Seria possível vislumbrar aspectos sobre literatura e sobre a prática de escrita por meio das considerações da própria autora em seus escritos não-ficcionais?

No Dossiê da revista *Cult* sobre Clarice Lispector, de dezembro de 1997, lemos uma declaração de Clarice que diz:

É muito difícil para mim falar de literatura. Em verdade, não sei explicar minha criação literária. Admiro bastante os críticos lúcidos, capazes de interpretar de maneira

extraordinária a ficção, mas para mim a coisa é diferente (*Apud* Martins, 1997, p. 57).

A despeito de tal declaração, o que encontramos, entre cartas e crônicas, é uma busca incessante de se falar sobre literatura; processo e conceito de escrita; temas, métodos e técnicas; mercado editorial; inspiração:

Sinto em mim que há tantas coisas sobre o que escrever. Por que não? O que me impede? A exiguidade do tema talvez, que faria com que este se esgotasse em uma palavra, em uma linha. Às vezes é o horror de tocar numa palavra que desencadeia milhares de outras, não desejadas, estas. (...) Eu falaria de frutas e frutos. Mas como quem pintasse com palavras. Aliás, verdadeiramente, escrever não é quase sempre pintar com palavras? (1984, p. 196).

Em *Cartas perto do coração*, constatamos que Clarice e Sabino acompanharam o trabalho um do outro de perto, mesmo a distância, sempre discutindo textos próprios ou alheios. Nas cartas, lemos comentários a respeito de muitos dos trabalhos em desenvolvimento, antes mesmo de serem encaminhados para as editoras. Projetos, enredos e personagens são algumas vezes desenvolvidos primeiro por carta, em que discutem desde o título de uma obra até o drama envolvido em sua composição e, especialmente, a difícil relação com o mercado editorial.

Em carta de 7 de maio de 1956, Clarice informa a Fernando que deu por acabado o romance provisoriamente intitulado *A veia no pulso*. Diz ela: “Quanto eu daria para você ler e me dizer o que devo ou não tirar, se o livro está ambicioso ou pretensioso, só Deus sabe, eu não sei” (2001, p. 128). E pede a ele sugestões de editoras às quais o romance pudesse interessar: “Fernando, que editor você acha que quereria publicar *A veia no pulso*? (o livro tem 400 páginas). Se você me disser o nome de dois ou três possíveis, eu escreverei para eles ‘oferecendo’” (2001, p. 128).

Clarice remete a Fernando os originais deste que seria seu quarto romance, e o amigo, generosamente, sugere inúmeras modificações, com explicações detalhadas de seus motivos, sobre os quais ele afirma: “Não acho de grande importância para o livro as alterações sugeridas. Exatamente por isso é que me pareceu que não custava nada fazê-las” (2001, p. 146). Clarice incorpora quase inteiramente as sugestões de Fernando, que perfazem cerca de oitenta páginas num volume que tinha por volta de quatrocentas. Bom número das alterações sugeridas já estava em consonância com suas próprias dúvidas, mas a autora hesita em alguns pontos, como a sugestão de supressão do prefácio e a não concordância com narração em primeira pessoa, como vemos na carta de 21 de setembro de 1956:

Fernando, (...) você tocou num ponto que desde o começo da escritura do livro me afligiu: o tom conceituoso, dogmático. (...) Eu queria me pôr completamente fora do livro, e ficar de algum modo isenta dos personagens (...). Hesitei muito em usar a primeira pessoa (apesar desse tipo de isenção me atrair), mas de repente me deu uma rebeldia e uma espécie de atitude de “todo mundo sabe que o rei está nu, por que então não dizer?” – que, na situação particular, se traduziu como: “Todo mundo sabe que ‘alguém’ está escrevendo o livro, por que então não admiti-lo?” (2001, p.139).

E Sabino responde em seguida:

Clarice,

Você está completamente enganada pensando que “o tom conceituoso e dogmático” de seu livro vem da necessidade que você teve de se colocar fora dele e para isso se colocou do lado de dentro, como pessoa à parte (...). “*Todo mundo sabe que alguém está escrevendo o livro, por que não admiti-lo?*” Ora, seu livro, da primeira à última linha, não é outra coisa senão alguém escrevendo um livro – e isso devido à sua concepção peculiaríssima, à técnica que você adotou, etc. – nunca porque você o diga a toda hora. O importante não é dizer, é saber. Certas coisas não se dizem, porque dizendo, deixam de ser ditas pelo não-dizer, que diz muito mais. (...) Porque no momento em que você entra no livro expressamente em primeira pessoa, deixa de ser a autora para ser personagem também (...). Não seria mais prático ficar apenas do lado de fora? (2001, pp. 142-3).

Clarice acaba por suprimir, tanto o prefácio quanto a primeira pessoa, na versão final.

Outro ponto polêmico na preparação do livro diz respeito ao título. Sabino acredita que o título provisório seja pouco eufônico, por causa de “Aveia”. Ele pensa em ceder o título de um texto seu, *O homem feito*, mas ainda sopesa que *A maçã no escuro* é o melhor deles, “apesar de meio natureza-morta e portanto pouco comercial – como diria o editor” (2001, p. 146). Clarice pondera sobre os títulos *O aprendizado* ou *A história de Martim*, mas acaba por achá-los ruins. Em resposta a uma carta de Clarice a esse respeito, João Cabral de Melo Neto acrescenta uma observação brincalhona ao drama do título:

Quem foi o errado que foi contra *A veia no pulso*? Acho que v. não deve mudar, absolutamente. (...) A veia não é absolutamente cacófato. Cacófato é o som ridículo

ou feio. “A veia”, no máximo, pode parecer ambíguo, o que não é a mesma coisa. Mas a ambiguidade não é motivo para tirar e sim para deixar. (...) Por outro lado, só um idiota ouvindo A/ VEIA NO PULSO pode entender Aveia no pulso. (...) Creio que você não deve dar nenhuma bola e dizer que é aveia no pulso mesmo. Aveia que o personagem leva para que os burros venham comer-lhe na mão” (*Apud* Lispector, 2002, p. 215).

Nas cartas seguintes trocadas por Clarice e Fernando, as possibilidades e dificuldades de publicação dos dois livros de Clarice (um de contos, que seria *Laços de Família*, e o romance, intitulado, finalmente, de *A maçã no escuro*) foram assunto constante, que nos permite acompanhar a frustração, o temor da recusa e a ansiedade com o atraso da publicação. De fato, a despeito de àquela altura Clarice Lispector já ter se tornado uma escritora reconhecida e apesar do seu esforço e dos esforços dos amigos literatos para publicar os dois livros recém-finalizados, *Laços de família* só foi publicado em 1960, e o romance *A maçã no escuro* em 1961, ambos pela Editora Francisco Alves.

Enquanto os livros de Clarice esperam para ser lançados, o romance *O encontro marcado*, de Fernando Sabino, é publicado, ainda em 1956, e a escritora fala a respeito em carta de 8 de janeiro de 1957. Clarice Lispector assevera, nesse comentário, os valores que para ela importam e com os quais se identifica, declarando nunca ter se sentido “tanto pertencendo a uma geração”:

O modo como às vezes um personagem sai de cena, com uma mudez, uma determinação. O ritmo todo do livro é muito bonito. E a história é “subjativa” sem preguiça do “subjetivo”. O livro todo parece filmado em luz de rua, sem maquiagem. Por isso dá às vezes a impressão desconcertante de falta absoluta de “literatura” – e então se sente que este é o modo até sofisticado (sofisticado como contrário de “naïve”) de literatura. O estratagema é quase uma ausência de estratagema. Dá a impressão de que você não parou um instante para achar uma “solução literária”, que nem uma vez você se viu diante de um impasse, diante de uma pergunta assim: que jeito dou nisso? (2001, p. 188).

Em outra carta, de 13 de outubro de 1946, Clarice escreve a Fernando contando detalhadamente uma “cena” que está escrevendo, que anos depois viria a aparecer na segunda parte de *A legião estrangeira* (1964), com o título de *A pecadora queimada e os anjos harmoniosos*:

Comecei a fazer uma “cena” (não sei dar o nome verdadeiro ou técnico); uma cena antiga, tipo tragédia, com... coro, sacerdote, povo, esposo, amante... Em verdade vos digo, é uma coisa horrível. Mas tive tanta vontade de fazer que fiz contra mim. Não está pronto e está tão ruim que até fico encabulada. (...) Trabalhando nessa cena, estou descobrindo uma espécie de estilo empoeirado – uma espécie de estilo que está sempre sobre o nosso estilo, e que é uma mistura de leituras meio ordinárias da adolescência (...), uma mistura de grandiloquência que é na verdade como a gente já quis escrever (mas o bom gosto achou com razão ridículo), uma mistura disso – está ruim como o quê, mas com que prazer descubro as tiradas – parece que não há sequer invenção. O verdadeiro título dessa grande tragédia em um ato seria para mim “divertimento”, no sentido mais velhinho dessa palavra (2001, pp. 107-8).

Clarice e seus interlocutores, como Fernando Sabino e Lúcio Cardoso, comentavam textos dos mais variados, de Mário de Andrade e José Lins a Henry Miller e tantos outros. Além dos novos exemplares disponíveis, as poucas oportunidades de trabalho para que escritores como ela garantissem a mínima sobrevivência publicando em jornais foram assunto de muitas conversas. Vemos ainda a necessidade desesperada de Clarice para se libertar de seus textos, publicando-os, frente às agruras de um mercado editorial envolvido em polêmicas de obras censuradas, retiradas de circulação, parcialmente cortadas ou abandonadas sem publicação na gaveta de algum editor.

Nas cartas trocadas com Lúcio Cardoso, a literatura, o processo de criação literária e o mercado editorial também estão sempre em pauta. Em carta de outubro de 1944, enviada de Nápoles – Itália, Clarice Lispector comenta sobre o romance *O lustre*, que seria lançado em 46:

Meu livro se chamará O LUSTRE. Está terminado, só que falta nele o que não posso dizer. Tenho também a impressão de que ele já estava terminado quando saí do Brasil; e que eu não o considerava completo como uma mãe que olha para a filha enorme e diz: vê-se que ainda não pode casar. Mas é preciso que ela case e que eu fique sozinha olhando flores e passarinhos, sem uma palavra. Encarregue-se por obséquio de lhe arranjar marido na Edit. José Olympio. Se eles fizerem qualquer tipo de oposição, ou se só me prometerem a impressão daqui a muito tempo, então Tânia, minha irmã, se encarregará de arranjar algo mais modesto e possivelmente pago – mas rápido, rápido, porque me incomoda um trabalho parado; é como se me impedisse de ir adiante (2002, pp. 56-7).

Nas outras cartas escritas de Nápoles a Lúcio, nesse mesmo ano, o romance *O lustre* está sempre presente. Numa delas, replicando o comentário do amigo de que o título lhe soara “meio mansfildiano e um tanto pobre para pessoa tão rica” (2002, p. 60), a escritora desabafa, repetindo o que já havia dito a respeito da crítica de Álvaro Lins sobre *Perto do coração selvagem*:

Talvez você ache o título mansfildiano porque você sabe que eu li ultimamente as cartas da Katherine. Mas acho que não. Para as mesmas palavras dá-se essa ou aquela cor. Se eu estivesse lendo então Proust, alguém pensaria num lustre proustiano (meu Deus, ia escrevendo prostituto!), numa dessas pequenas coisas a que ele dá tanto sentido mas sem dar nenhum valor sobrenatural. Se estivesse ouvindo Chopin, pensaria que meu lustre era um desses de grande salão, com bolinhas delicadas e transparentes, sacudidas pelos passos de moças doentes e tristes dançando. O diabo é que naturalmente eu venho sempre por último, de modo que eu sempre estou no que já está feito. Isso muitas vezes me deu certo desgosto. (...) nem sendo medíocre se chega a não cair nos outros (2002, pp. 62-3).

Várias cartas são dedicadas ao tema “falta de inspiração”. Clarice fala com muito de seus interlocutores a respeito do assunto. Em duas cartas endereçadas às irmãs, datadas de 8 e 12 de maio de 1946 – incluídas no livro de Olga Borelli –, Clarice descreve “o corpo e os dias” daquele momento de sua vida, quando morava em Berna, na Suíça: “Não escrevi uma linha, o que me perturba o repouso. Eu vivo à espera de inspiração com uma avidez que não dá descanso. Cheguei mesmo à conclusão de que escrever é a coisa que mais desejo no mundo, mesmo mais que amor” (*Apud* Borelli, 1981, p. 114). Ela conta que, para “não cair”, prega nas paredes de seu quarto frases de Kafka sobre temas como impaciência, preguiça, inspiração, mas cai, e fica sentada numa poltrona, sem fazer nada, “esperando que passem as horas e que venham outras iguais. Essa Suíça é um cemitério de sensações” (*Apud* Borelli, 1981, p. 117).

Uma série de cartas que chamam atenção, em meio a tantos interlocutores, são as trocadas com Andréa Azulay, uma menina de 9 anos que escrevia poemas e pequenas histórias. Os textos de Andréa chegaram às mãos de Clarice em 1974 por intermédio do amigo e ex-psicanalista Jacob David Azulay — que decidira pedir a opinião de Clarice a respeito dos escritos precoces de sua filha. A escritora se encanta com o despojamento e a espontaneidade da escrita da pequena amiga, a quem dedicaria seu livro infantil *A vida íntima de Laura* (1974). As duas, Clarice e Andréa, travaram intensa correspondência e a escritora “edita”, em 1975, as histórias da menina, reunidas no livro *Meus primeiros contos*, que teve cinco exemplares caseiros.

Nas cartas, Clarice dava conselhos a Andréa de como vir a ser uma escritora, como outrora fizeram Anton Tchekhov, em *Cartas a Suvórin* (2002) e nos outros textos documentados no volume *Cartas para uma poética* (Angelides, 1995), e Rainer Maria Rilke, em *Cartas para um jovem poeta* (2007). Clarice dá inúmeras “dicas”, desde sobre o que escrever, “Escreva sobre ovo que dá certo. Dá certo também escrever sobre estrelas. E sobre a quentura que os bichos dão na gente” (2002, p. 292), a conselhos sobre pontuação:

Não descuide da pontuação. Pontuação é a respiração da frase. Uma vírgula pode cortar o fôlego. É melhor não abusar de vírgulas. O ponto de interrogação e o de exclamação use-os quando precisar: são válidos. Cuidado com reticências: só as empregue em caso raro. Como depois de um suspiro. Quanto ao ponto e vírgula, ele é um osso atravessado na garganta da frase. Uma minha amiga, com quem falei a respeito da pontuação, acrescentou que ponto e vírgula é o soluço da frase. O travessão é muito bom pra gente se apoiar nele (2002, p. 292).

A escritora relata, ainda, ser necessário preservar-se da exposição excessiva. A popularidade, no caso de muitos escritores, faz com que passem a escrever para alguém, buscando alcançar a “cópia” do que fez sucesso, deixando de lado a espontaneidade da escrita que Clarice tanto parece buscar preservar. Por isso, aconselha a menina Andréa a seguir escrevendo sem ligar para os outros. “(...) Escreva o que quiser sem ligar para ninguém. Você me entendeu?” (2002, p. 292).

Nas crônicas publicadas no *Jornal do Brasil* e depois compiladas nos livros *A descoberta do mundo* (1984) e *Aprendendo a viver* (2004), a reflexão sobre escrita e literatura também é recorrente e nos revela muito a respeito do universo de criação ficcional de Clarice Lispector. Retrata desde sua dificuldade de fluidez de escrita em determinados períodos à diversidade de possibilidades de desenvolver um único tema; fala de seu hábito de copiar trechos inteiros de obras que lhe aprazem e de copiar incontáveis vezes seus próprios livros; comenta críticas e análises feitas de sua obra e define, circula, retorna e avança sobre o que é o ato de escrever.

Na crônica publicada em 14 de setembro de 1968, ela diz: “Eu disse uma vez que escrever é uma maldição. (...) Hoje repito: é uma maldição, mas uma maldição que salva. (...) Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador” (1984, p. 134). Anos mais tarde, em 2 de maio de 1970, ela conta a sua trajetória na escrita:

escrever o que se tornará depois um livro exige às vezes mais força do que aparentemente se tem. Sobretudo quando se teve que inventar o próprio método de trabalho como eu e muitos outros. Quando conscientemente, aos 13 anos de idade, tomei posse da vontade de escrever – eu escrevia quando era criança, mas não tomava posse de um destino – quando tomei posse da vontade de escrever, vi-me de repente num vácuo. (...) Uma coisa eu já adivinhava: era preciso tentar escrever sempre, não esperar por um momento melhor porque este simplesmente não vinha (1984, p. 439).

Em outros momentos, Clarice fala sobre os seus livros, dá dicas de como os escreve e de como os lê. Em 14 de fevereiro de 1970, ela comenta as críticas a respeito de *A paixão segundo G.H.* (1964) e defende a ideia de que, ainda que fora dos padrões tradicionais, *G.H.* é um romance, dando sua definição do que significa um romance.

#### Ficção ou não

Estou entrando em um campo onde raramente me atrevo a entrar pois já pertence à crítica. Mas é que me surpreende um pouco a discussão sobre se um romance é ou não romance. (...) O que é ficção? É, em suma, suponho, a criação de seres e acontecimentos que não existiram realmente mas de tal modo poderiam existir que se tornam vivos. Mas que um livro obedeça a uma determinada forma de romance – sem nenhuma irritação, je m'en fiche. Sei que o romance se faria muito mais romance de concepção clássica se eu o tornasse mais atraente, com a descrição de algumas das coisas que emolduram uma vida, um romance, um personagem, etc. Mas exatamente o que não quero é a moldura. (...) Por que não ficção, apenas por não contar uma série de fatos constituindo um enredo? (...). Em romances, onde a trajetória interior do personagem mal é abordada, o romance recebe o nome de social ou de aventuras ou do que quiserem. Que para o outro tipo de romance se dê um outro epíteto, chamando-o de “romance de...”. Enfim, problema apenas de classificação. Mas é claro que *A paixão segundo G. H.* é um romance (1984, pp. 270-1).

Em 21 de fevereiro do mesmo ano, Clarice escreve uma “Carta atrasada”, como ela mesma intitula, a um crítico X que não teria entendido os “motivos maiores” de *A cidade sitiada*. Ela conta, detalhadamente, o fio condutor da personagem principal, Lucrecia Neves, e como foi construída, se-

guindo as “intenções” que ela pretendeu com a narrativa. Nesse texto, Clarice esmiúça os meandros de sua própria linguagem para mostrar que sua escrita está muito além de puro “verbalismo” e da “magia da frase”.

O que me espanta – e isto certamente vem contra mim – é que a um crítico escapem motivos maiores do meu livro. (...) Falam, ou melhor, antigamente falavam, tanto em minhas “palavras”, em minhas “frases”. Como se elas fossem verbais. No entanto nenhuma, mas nenhuma mesmo, das palavras do livro foi – jogo. Quanto à “intenção” do livro, eu não acreditava que ela se perdesse, aos olhos de um crítico, através do desenvolvimento da narrativa. Continuo sentindo essa “intenção” atravessando todas as páginas, num fio talvez frágil como eu quis, mas permanente e até o fim. Creio que todos os problemas de Lucrecia Neves estão condicionados a esse fio. (...) Não se torna evidente para mim que todos esses movimentos íntimos do livro, e mais outros que o completam – foram submergidos pelo que o senhor chama de “magia da frase”. (...) Chamar de “verbalismo” uma vontade dolorosa de se aproximar o mais possível as palavras do sentimento – eis o que me espanta (1984, p. 417).

No dia 2 de maio de 1970, ela publica o texto intitulado *Lembrança da feitura de um romance*, do qual vale a pena destacar sua descrição:

Não me lembro mais onde foi o começo, sei que não comecei pelo começo: foi por assim dizer escrito todo ao mesmo tempo. Tudo estava ali, ou parecia estar, como no espaço-temporal de um piano aberto, nas teclas simultâneas do piano. Escrevi procurando com muita atenção o que estava se organizando em mim, e que só depois da quinta paciente cópia é que passei a perceber. Passei a entender melhor a coisa que queria ser dita. (...) Cada vez acho tudo uma questão de paciência, de amor criando paciência, de paciência criando amor (1984, p. 437).

Como se pode perceber, aquela afirmação de que seria difícil para ela falar de literatura e de sua criação literária e toda a relutância em dar entrevistas foi só mais um certo ar de personagem que Clarice Lispector criou em torno de si. Em seus textos aparentemente não ficcionais, Clarice se revela como crítica, especialmente de sua própria obra.

Resta, ainda, acrescentar que tais textos dão margem a outras diferentes leituras que a brevida-

de deste trabalho não consente explorar. Ainda assim, tendo em vista o que foi abordado, podemos assegurar que os textos analisados são, também, um manancial de subjetivação. Tomando emprestada a expressão de Fernando Sabino, tais textos representam “movimentos simulados”, o que emaranha também os limites de gênero ou qualquer outro tipo de categorização. Segundo Fernanda Müller (2008),

[s]ão relato de viagem, romance epistolar, filosofia da composição, do vazio, do silêncio e do cotidiano. São ensaios estéticos, crítica literária e apaixonada. São modos de compreender a relação com a imprensa, e a geração de seu tempo (p. 324).

Por isso, ainda que a autora não pretendesse se revelar em seus textos e muito menos revelar suas cartas para outros que não os destinatários, explorar esse terreno particular nos convida a olhar para a obra clariciana por um novo viés, guiado pelo olhar da própria autora.

**Artigo recebido: 11/01/2011**

**Artigo aceito: 15/07/2011**

## Referências bibliográficas

ANGELIDES, Sophia. A P. Tchekhov. Cartas para uma poética. São Paulo: Edusp, 1995.

BORELLI, Olga. Clarice Lispector: esboço para um possível retrato. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

GOTLIB, Nádya Battella. Clarice: uma vida que se conta. São Paulo: Editora Ática, 1995.

LISPECTOR, Clarice. A descoberta do mundo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

\_\_\_\_\_. Correspondências. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

\_\_\_\_\_ & SABINO, Fernando. Cartas perto do coração. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MARTINS, Gilber Figueredo. “Clarice e a crítica”. Dossiê Clarice Lispector. Revista Cult, dez. 1997.

MÜLLER, Fernanda. “Correspondências de Clarice Lispector: da remetente à escritora de literatura”. Revista Estudos Linguísticos. São Paulo, 37 (3), pp. 317-24, set./dez. 2008.

RILKE, Rainer Maria. Cartas a um jovem poeta. Trad. Paulo Sussekind. Porto Alegre: LP&M, 2007.

TCHEKHOV, Anton Pávlovitch. Cartas a Suvórin (1886-1891). Trad. Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Edusp, 2002.